

WALTER BENJAMIN: A CRÍTICA DA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA DA MODERNIDADE.

META

Apresentar os elementos da crítica de Walter Benjamin à concepção de História da modernidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o deverá:
analisar os fundamentos das concepções modernas da História à luz da crítica benjaminiana.

PRÉ-REQUISITO

Leitura atenciosa dos tópicos “Marxismo ocidental” e “Walter Benjamin” na Lição 19 do livro *Introdução à Filosofia* (CESAD).



Walter Benedix Schönflies Benjamin (Berlim, 15 de julho de 1892 — Portbou, 27 de setembro de 1940 (Fonte: <http://moderneiros.files.wordpress.com>)).

INTRODUÇÃO

O pensamento de Walter Benjamin surge de um contexto de destruição da Europa no pós-primeira guerra mundial com o advento do Nazifascismo, àquela altura a racionalização modernizadora apresentava seus limites e os mitos constituintes desta visão do mundo, também presentes na concepção de história serão alvo de uma severa crítica. A crítica benjaminiana estrutura-se na desconfiança para com o discurso histórico oficial ou hegemônico e dirige-se ao resgate de uma memória narrativa dos oprimidos. Este é o objeto da abordagem que segue.

A lição que aqui se inicia tem seu foco no pensamento do filósofo judeu-alemão Walter Benjamin (1892-1940). Interessado ao extremo pela história, Benjamin dedicou-se a escrever uma grande obra que deixou inacabada: *O Trabalho das Passagens*, sobre as passagens de Paris construídas no século XIX. Tratava-se, na verdade, de uma obra que procurava interpretar a história da Europa durante o século XIX e expor o sentido da vida da sociedade europeia no “auge do capitalismo”.



Paris - Passage de Choiseul (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

O contexto cultural no qual se insere o pensamento de Benjamin é aquele em vigor na República alemã de Weimar [República de Weimar – nome oficial do Estado Alemão a partir de 1919, culturalmente interessado na restauração dos valores do classicismo e politicamente definido como uma social-democracia]: hegemonia de uma historiografia progressista que tinha na ideia do progresso inevitável e cientificamente previsível (Kautsky) seu fundamento principal, ele também enfrenta a historiografia “burguesa” representada pelo historicismo de Wilhelm Dilthey e pela historiografia positivista.

Em resumo, estas duas últimas ideias da história estavam marcadas pelo mesmo núcleo: uma concepção do tempo como “homogêneo e vazio” a ser preenchido por adição pelos fatos, seja com base no exame das provas documentais e arqueológicas (positivismo), seja pela capacidade psicológica empática [Empatia - sintonia psicológica entre os seres humanos, capacidade de se transpor para a experiência de outrem] de reconstruir a experiência passada via seus monumentos e manifestações culturais (historicismo).

Também interessava a Benjamin a teoria do socialismo democrático da II Internacional Socialista que elaborara uma teoria da evolução social, na qual a força do desenvolvimento tecnológico é a principal responsável pela ascensão iminente do proletariado ao poder. Este interesse é despertado pelo poder desta teoria de se disseminar e de comover os trabalhadores.

A decadência social de uma boa parte da burguesia pelo empobrecimento, um processo de deterioração do proletariado (destreinado e despolidizado) transformando-se em sub-proletariado (lupenproletariado), os índices alarmantes crescentes de degradação física e mental dos trabalhadores expostos a condições insalubres e penosas de trabalho são os motivos que movem a escrita histórica de Walter Benjamin, estes mesmos fatores funcionam como a fonte de questões filosóficas que ele se propõe a enfrentar.

Na realidade, podemos dizer que Benjamin se comporta como filho do esclarecimento (Aufklärung) desmascarando a racionalização modernizadora como novo mito, do qual os homens necessitam se libertar.

Portanto, é do sofrimento das vítimas da história da sociedade industrial que partirá Benjamin, e é também a estas vítimas que ele dirigirá seus esforços de construção de uma radical crítica da mentalidade vigente, bem como devotará a estas sua iniciativa de recuperação das forças históricas das classes trabalhadoras.



II Guerra Mundial - Genocídio (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Ligado ao Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt (que abrigava os intelectuais que formavam a Escola de Frankfurt) durante vários anos, como pesquisador bolsista, Benjamin compartilhava com os colegas do Instituto o objetivo do esclarecimento das condições de vida sob o capitalismo avançado e o interesse pela crítica, marcada por influências comuns ao grupo: Marx, Nietzsche e Freud.



I. Kant (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

A preocupação de Benjamin, filosoficamente falando, claramente concentrava-se e dirigia-se para a degradação e redução do *conceito de "experiência"* humana no mundo capitalista, seja pela delimitação desta ao campo do cientificamente abordável – como já criticará em seu livro sobre Kant: *Programa de uma filosofia do futuro* –, seja manifesta na perda da capacidade de narrar e, portanto, na inexistência de memória social.

Interessa, desse modo, a Benjamin *a história como ferramenta útil de (re-)humanização*, como instrumento de crítica ao mito da sociedade capitalista e como meio de sensibilização para âmbitos estagnados ou negados da experiência humana. Por isso, escolheu de Friedrich Nietzsche uma importante epígrafe para uma de suas *Teses sobre o conceito de história*, que diz assim: (Tese XII) “Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência”. (BENJAMIN, 1993, p. 228). Se Benjamin se acosta a Nietzsche em combate à erudição da história ornamental é porque citar a história dessa forma não implica nenhuma ligação direta com esta, apenas a recepção de um legado, tido como precioso, que desafia as classes dominantes a o preservarem.



F. Nietzsche (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Conforme Benjamin, este espírito diletante dos historiadores coaduna-se ao desvio tomado pelo proletariado que deixou de se sentir uma classe vingadora e que cada vez mais passou a sentir-se encarregada pela libertação das gerações futuras. Daí mais um passo e passou o proletariado a acreditar estar navegando a favor da correnteza chamada “progresso”, perdendo assim suas “melhores forças”, que “se alimentavam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes libertos”, é o que reflete nas Teses XI, XII e XIII.

O tempo vazio e homogêneo da história enquanto progresso é aquele que será inelutavelmente preenchido pelos frutos exitosos do “trabalho”

adequadamente assessorado pela “ciência”, a qual por seu turno se transformou em força produtiva (BENJAMIN, 1993, p. 227-228). No pensamento de Benjamin o trabalho, tomado em si, deve ser denunciado como falso messias, sozinho e a mercê das regras de mercado e da tecnoburocracia fabril ele não conduzirá a dias melhores, mais bem abastecidos e mais fartos. Portanto, a história não é uma história do trabalho humano que desaliena (extinguindo seu falseamento) naturalmente ao conjugar-se à ciência.



Trincheira - I Guerra Mundial (Fonte: [http:// www.imagensgoogle.com](http://www.imagensgoogle.com)).

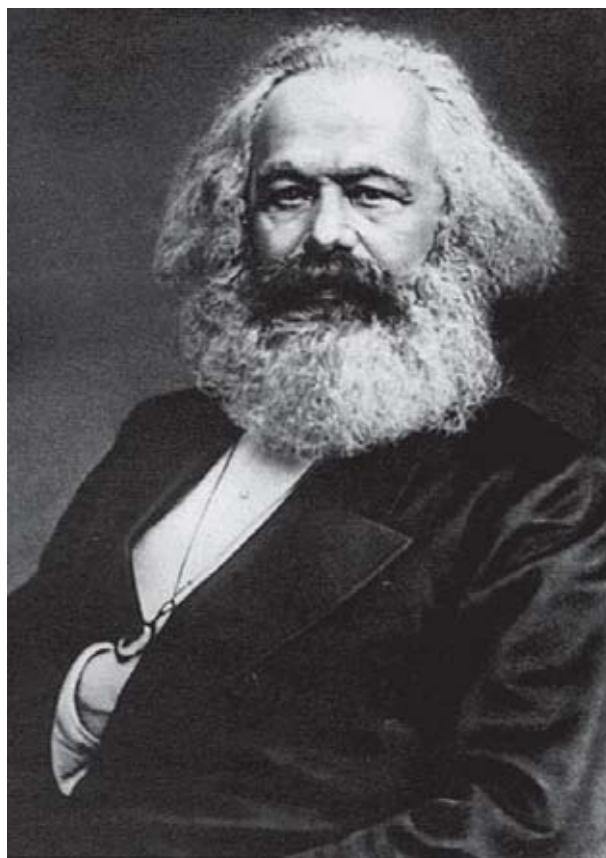
A ciência, por sua vez, não está apta a alcançar plenamente a experiência humana, reduzindo-a cada vez mais aos seus próprios limites, inibe a iniciativa criadora do ser humano e o insensibiliza para iniciativas mais aventureiras. A ciência valendo-se da educação conduz a sociedade para um “caminho tido como seguro” e forma cada vez mestres-servos do saber consolidado, útil e adequado aos interesses das classes empresariais, é o que encontramos argumentado por Benjamin em seu ensaio juvenil *A vida dos estudantes* (BENJAMIN, 1997).

Os três fundamentos falsos da autocompreensão da modernidade, ou seja, o progresso, o trabalho e a ciência, fazem desta um mito. A modernidade é um mito ao qual os seres humanos estão ligados servilmente como a uma nova forma de religião.

A concepção de história da modernidade funciona assim como uma força ideológica que tanto amortece os impactos da crueldade do trabalho fabril, quanto arregimenta adeptos à crença no progresso que libertará as gerações futuras.

A este conformismo da pedagogia historiográfica da modernidade Benjamin opõe a sua idéia de uma história que se conhece a contrapelo, a partir das vítimas, da interrupção do tempo homogêneo, do despertar no passado as centelhas de esperança, de uma memória que se reintegra como narração e tradição.

Entendemos que para Benjamin tudo começa com a busca por um (1) método que permita o acesso ao rosto dos homens na modernidade, uma aproximação à sua face real, ao seu cotidiano - “o paradigma indiciário” – [Paradigma Indiciário – sugerido por Carlo Guinsburg em *O queijo e os vermes*, diz respeito a um olhar metódico que examina a história procurando indícios de outras ocorrências desinteressantes ao olhar conformado de certas historiografia]; em seguida, instala-se uma (2) atitude de desconfiança crítica para com as elaborações dos vencedores (versões oficiais e comemorativas): trata-se do “caráter destrutivo” e do olhar que vê sempre cada “documento de cultura como um documento de barbárie”, o qual possui uma origem que provoca horror; e enfim, assume-se a tarefa de construir a (3) contra-memória dos oprimidos, uma tradição que corria subterrânea, tida como exceção, elevada ao seu lugar de revelação e esclarecimento (BENJAMIN, 1993, p. 224-226. Teses VI, VII e VIII).



Karl marx (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Benjamin ainda pretende apresentar sua própria versão como uma concepção materialista da história, chamando-a de materialismo histórico. Segundo seu pensamento, não é na superação das contradições do passado que reside o sentido progressivo da história, mas no momento da **“tensão dialética”**, é ali que se deve paralisar a história e extrair o sentido; é na rememoração de um **“instante de perigo”** que o homem deve reconhecer a abertura da história e reconhecer-se como agente, como sujeito. Ao invés de ver-se como um habitante prisioneiro do tempo pré-determinado, sempre igual, do mundo da produção e da mercadoria, o homem esclarecido pela história materialista deve sentir-se livre para iniciar sempre que necessário um novo calendário - “destruir e parar todos os relógios” -.



Walter Benjamin (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>)

Não há progresso, só a ação e as oportunidades. Nesse sentido, a concepção da história é essencial para manter os homens atentos para os lampejos de esperança, para os “instantes de perigo” (oportunidades), para que se mantenham senhores de suas forças ao invés de a terem desperdiçado com a “prostituta era uma vez”(referência às falsas historiografias vigentes em seu tempo). Manter-se em sintonia com o messias que pode entrar a qualquer momento na história, por alguma portinhola, eis a alegoria benjaminiana da função da história como narrativa.

Benjamin concebe a *história como narração*, como memória narrativa. Porém, seu diagnóstico da sociedade indica que sob o capitalismo as condições para uma experiência (em alemão: experiência = Erfahrung) plenamente humana não existem mais, restando apenas vivências pes-

soais isoladas (em alemão: vivências = *Erlebnis*): (a) as condições de vida se alteram numa enorme rapidez aumentando o abismo entre as gerações e entre grupos humanos diferenciados de consumidores impedindo que a experiência a ser transmitida possa ser comum ao narrador e ao ouvinte; (b) O caráter fragmentário do trabalho em cadeia e o ritmo aceleradíssimo da produção industrial, não permite a sedimentação de experiências, nem palavras unificadoras; (c) a vida burguesa cada vez mais isola os indivíduos e a vizinhança já não representa comunidade, e sem comunidade não há narração de experiências coletivamente cultivadas e acumuladas no processo tradicional de narrar, que se constituía numa “sapiência prática”, algo que não existe mais na vida moderna: advertências, conselhos e sugestões.

Revela-se assim um certo romantismo saudoso de épocas passadas marcadas pelo trabalho artesanal, porém não é para lá que Benjamin aponta, mas para o declínio humano, principalmente, pela falta do senso de que a história que está sendo narrada está em aberto.

Corroborando esta afirmações acima citamos a conclusão da interpretação de Jean-Marie Gagnebin (BENJAMIN, 1993, p. 9-11) dos ensaios de Walter Benjamin: *O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov e Experiência e pobreza*, que explica:

o depauperamento da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma memória coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados em um mesmo universo de prática e de linguagem”.

Ao contrário da noção de uma história fechada sempre igual ou determinada pelo presente (que se eterniza) mantida pela perda da memória narrativa, se houver “um fluxo narrativo comum e vivo” então a “história contínua”, está “aberta a novas propostas e ao fazer junto”; todavia, na falta desta comunidade de vida e discurso restará ao sujeito moderno isolado identificar-se com o “herói solitário” do romance, como analisou Georg Lukács.

Stalin representou para Benjamin o momento em que a barbárie também se consolidou no meio socialista.

Argumentar e intervir culturalmente a favor de uma recuperação da experiência humana implicará, portanto, para Benjamin, manter inacabado o passado e o sentido das narrativas, tal experiência mostra-



Lenin e Stalin (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

rá aos homens que um outro (aberto) futuro é possível. Desse modo ele procede na sua doutrina da alegoria no trato com a literatura e a arte e no exame crítico historiográfico. Um conceito utópico de experiência como experiência possível emancipara o presente das amarras do tempo homogêneo.

No caso específico do exame crítico da historiografia e da concepção de história a ela subjacente realizado nas *Teses sobre o conceito de história*, Benjamin identifica na historiografia do positivismo e do historicismo teorias do “conformismo”: na primeira, pela sua forma determinada de olhar os fatos como meramente enumeráveis e ordenáveis e por relacionar-se com o passado com um olhar de menosprezo, por tratar-se de fase menos evoluída da história; e na segunda, pelo sentido de história realizada atribuído ao passado (já que a história é o que se efetivou e nada mais), e ainda sua compreensão de que as épocas se iniciam, se interrompem e se sucedem, cabendo ao historiador apenas reconstruí-las intelectualmente. Por isso Benjamin argumenta asperamente:

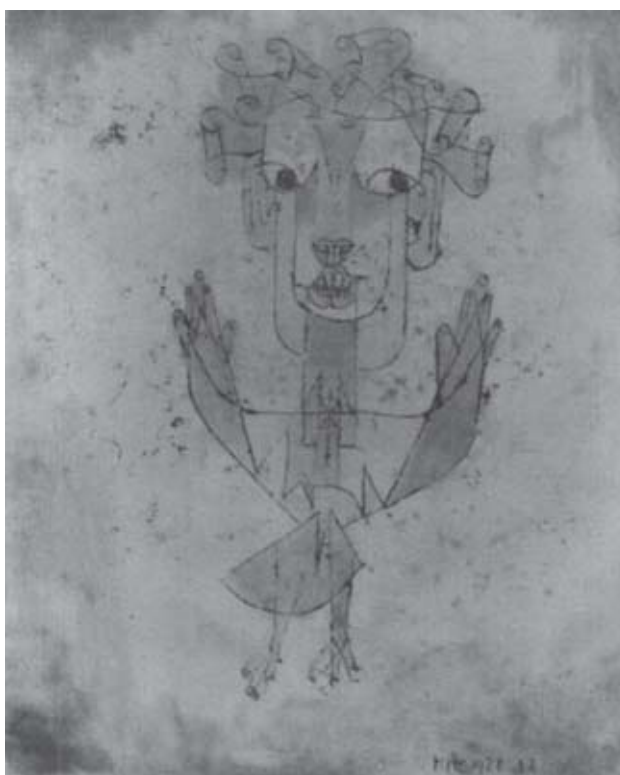
Articular o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa antes apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes como seu instrumento. *Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.* (BENJAMIN, 1993, p. 224, grifo nosso)



Mussolini e Hitler (Fonte: <http://www.imagensgoogle.comn>).

Como enquadrar a experiência do presente neste contexto conformista senão como uma transição no fluxo contínuo, que segue seu próprio ritmo e sua lógica? Neste caso, não há propriamente tradição, nem mesmo quando se descobre contínuos, pois ou estes são vazios ou são mera repetição. Benjamin *descobre outras tradições (outros contínuos), só que estas foram banidas do palco da história como utópicas (irrealizáveis/irrealizadas) ou como lixo (matéria superada ou vencida): é a história de antepassados sepultados vivos, por um “inimigo que não para de vencer até hoje”, sobre cujas vítimas segue pisoteando o cortejo do vencedor, fazendo sua estrada com os ossos de suas vítimas, como enxerga o “anjo da história” na Tese IX:*

[...] O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína [...] Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1993, p. 226).



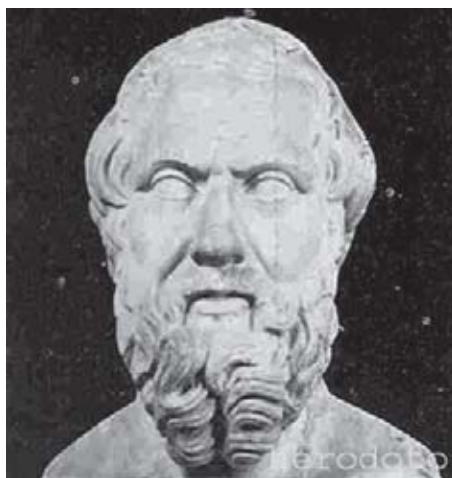
Walter Benjamin - O Anjo da História (P. Klee).

No esforço construtivo de uma historiografia que recupere e devolva ao homem o sentido da abertura da história e as forças para fecundá-la, Benjamin resgata duas escritas historiográficas, dadas como interpretadas pelas correntes hegemônicas, a saber: *Heródoto, protótipo do narrador tradicional, que sabe contar sem dar explicações definitivas, deixando que a história admita diversas interpretações, permanecendo viva e aberta a novas e renovadoras leituras*, é o que encontramos numa passagem do ensaio *O Narrador*:

Heródoto não explica nada. Seu relato é dos mais secos. Por isso essa história do antigo Egito ainda é capaz, depois de milênios, de suscitar espanto e reflexão. Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas. (BENJAMIN, 1993, p. 204).

E, neste mesmo afã, retorna aos Cronistas Medievais, cuja atenção com as coisas do passado os impedia de distinções prévias e sua escrita era repleta de tudo o que fosse encontrado para que nada se perdesse. Uma historiografia sensível à causa dos deserdados e oprimidos da história terá que encontrar no que é considerado perdido e sem importância elementos para uma nova história, é o que nos diz Benjamin (1993, p. 223) na *Tese III*, que fazemos questão de citar na íntegra, para no término desta lição colhermos mais alguns elementos significativos da sua concepção de história:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final.



Heródoto (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

Como é notório nas citações, Walter Benjamin é um pensador que usa livremente uma escrita que mistura imagens com conceitos; sua escrita é muito literária e sua perspectiva bastante caracterizada por uma hermenêutica ao mesmo tempo “teológica” (judaica) e materialista. Ao leitor de Benjamin recomendamos paciência até que se acostume com tais expedientes estilísticos. Quanto aos temas e imagens de pensamento oriundos da teologia, em especial do judaísmo: reino de Deus, anjo, juízo final, escritura, aura, origem, etc., não temos meios para argumentar a favor de uma teologização da história por Benjamin. Todavia, a forma como se combinam em seu pensamento sua filosofia da religião com a filosofia da história merece ser estudada, havendo na bibliografia de língua portuguesa textos representativos desta abordagem do pensamento de Benjamin de autoria de Jeanne-Marie Gagnebin (1988) e de Michel Löwy (1990) com os quais se pode iniciar muito bem uma pesquisa.

A reflexão que faz Walter Benjamin coaduna-se com os elementos firmados da concepção de filosofia que guia nossa abordagem do tema da filosofia da história neste curso. Seu sentido de filosofia como meio de pensar a práxis histórica e de despertar a consciência crítica são muito esclarecedores do modo como encaramos a tarefa do filósofo e do historiador.

De sua análise, entretanto, temos que destacar alguns pontos que merecem atenção e aprofundamento reflexivo: 1. Uma concepção enriquecedora, porém problemática, do materialismo histórico com lugar para a ação cultural isenta do reflexo das forças produtivas, combinando autonomia e a força de “determinação” das relações econômicas; 2. Uma crítica do uso camuflado da teologia na história, que, ao menos aparentemente, entra em desacordo com uma não apresentação explícita de um sucedâneo para a teoria do sujeito histórico (ver *Tese I*); 3. Uma concepção circular do tempo (passado aberto) conjugada a uma teoria inespecífica da revolução, que dá a entender ser a teoria da revolução proletária de Marx, mas ao mesmo deixando-a em aberto o suficiente ao ponto de abrigar interpretações niilistas e anarquistas (ver os seguintes textos: *O caráter destrutivo* e *Fragmento teológico-político*).

CONCLUSÃO

O pensamento de Walter Benjamin é uma crítica da concepção moderna de história identificada por cada um de seus elementos constitutivos desvelados como mitos. Sua reformulação peculiar do marxismo é alvo da curiosidade de seus intérpretes e de seus críticos. A história é para este pensador narração, ação e oportunidade ofertada pelas constantes tensões existentes nos processos, que tem sua definição a partir do poder dos que compreendem e se apropriam melhor do instante (Jetztzeit) no qual a história pode ser redirecionada.



Paris - Passagem dos Panoramas (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).



RESUMO

A crítica das filosofias modernas da história a partir das denúncias dos mitos da modernidade, a descoberta de um método que resgata os fragmentos e o lixo da história, como meio de resgate da memória narrativa dos oprimidos capaz de restaurar a verdadeira experiência humana, são os elementos estruturais da reflexão benjaminiana sobre a história.



ATIVIDADES

Caracterize a visão do anjo da história de Walter Benjamin e comente o significado dos elementos que a compõem.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O anjo da história ao qual a questão se refere é aquele apresentado por Benjamin na *Tese IX*. Os principais elementos a destacar e relacionar são: a ideia de progresso, as relações entre as classes e a restauração da experiência pelo despertar dos vencidos através da narrativa histórica.

PRÓXIMA AULA

A última Lição (10) deste livro tratará do pensamento do filósofo alemão Jürgen Habermas sobre a história.

**REFERÊNCIAS**

- BARROS, Marcos André de. **Estudos críticos I: Walter Benjamin: filosofia, hermenêutica e educação**. Campina Grande: Edições Caravela/NCP, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. 5 ed. Tradução: Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. **Documentos de cultura documentos de barbárie**.
- BOLLE, Wille. Org./ Tradução. São Paulo: Cultrix, 1991.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. 5 ed. Tradução: Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.7-19.
- _____. **Walter Benjamin: os cacos da História**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- JAY, Martin. **La imaginación dialéctica**. Madrid: Taurus, 1986.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.